

que é sempre um instrumento de troca dispendioso e não muito commodo. Todo o perigo do papel-moeda está na sua emissão, e se houvesse meio de remove-lo, a substituição da moeda metálica pelo papel seria um bem para a sociedade.

(Continua.)

DR. AUTRAN.

Henriqueta.

CONTO PHANTASTICO.

(Imitado do hespanhol.)

I

A minha aldeia é uma pequena povoação escondida entre duas penhascos da Serra dos Orgãos, como um ninho de andorinhas no tronco de um arvoredado; nada de particular offerece aos olhos do viajante a torresinha de sua modesta igreja, e asdoze ou quatorze casas derramadas em um pequenino espaço.

Ha um trilho que costeia a montanha, como a espinha de uma enorme cobra, e o quebrado do terreno, com a rica vegetação dos espinheiros, cajazeros e tamarineiros, impedem de se distinguir o campanario da igreja, emquanto se não chega ao escarpado cimo do rochedo.

D'alli descobre-se a aldeia em uma pequena baixa, com os seus cercados e suas casinhas brancas, dessemelhadas aqui e alli, como ovelhas na campina, meio occultas entre as arvores e as espirradeiras, de sorte que a certa distancia, vendo-se as suas brancas paredes, cortadas irregularmente por grandes massas de verdura, parecem lençoes enormes postos a secar sobre a ramagem; e de noite, quando a lua percorre o estrellado azul do firmamento, a sua luz phantastica muda a paisagem em um pequeno lago, que reflecte em pedaços os preteados raios do astro nocturno.

Foi alli que nasci.

Naquelle canto do mundo, olvidado por insignificantemente, sem historia e sem character, passel feliz a epocha da minha infancia, e alli começaram a brilhar os primeiros annos da minha juventude. A minha casa estava situada ao lado da igreja; eram quatro paredes brancas com seu telhado encarnado, onde as andorinhas vinham pousar no declinar do dia, e uma horta de algumas braças de extensão, sem muro nem cercado, com dous pés de farangêiras, alguns jasmineiros e varias plantas trepadeiras.

Um dos infinitos arrollos da montanha levava a sua fertilisadora corrente por aquelle sitio, em uma levada do terreno, sobre cujas margens brotavam bambús de um tamanho colossal, e algumas flores encarnadas.

Uma ponte feita de troncos de palmeiras, facilitava o passo para a montanha.

Na margem opposta começava um trilho, impraticavel no inverno, por causa da vegetação, que trepando pela rocha e dando mil rodelos, terminava em uma plataforma de pequena extensão, onde havia uma ermida consagrada a Virgem do Carmo.

Depois, matos e espinhos; e as rochas se iam apinhando mais e mais, até que se tornavam inacessíveis. Eu habitava aquella pobre casinha, com minha irmã e seu marido.

Pobre irmã minha!

Sua memoria vive sómente nos corações das poucas pessoas que a conheciam.

Quando morreu minha mãe, ficamos ambos na mais espantosa miseria, que ella soffria com resignação, e que eu, menino então, não

apreciava ainda. Luiza era bonita, muito bonita, e casou-se logo com um dos moços da povoação.

Muito me queria, elle, e bem o demonstrou a pobresinha, durante a minha primeira idade, que passel a seu lado.

Havendo eu nascido para o trabalho rude do campo e a miseria da classe jornalera, quiz apartar-me dessa vida, em que se amassa o pão com as lagrimas do coração.

Eu tinha as mãos demasiado brancas e finas para o cabo da enchada, como dizia a minha pobre Luiza.

Quantas vigílias não custaram á infeliz o eu vestir um traje um tanto mais decente, que o dos outros rapazes da aldeia?!

Quantas lagrimas não vertiam os seus olhos ao ver o espectro da fome, que batia á nossa porta?!

Algumas noites a surpreendi eu á cabeceira da minha cama, durante o inverno, quando o vento da montanha agitava as arvores da vizinhança e sacudia fortemente a porta de nossa casa.

Seus olhos brilhavam, e seus labios murmuravam orações pelo futuro, talvez, de seu pobre irmão.

II

Era uma madrugada de Agosto.

Os sinos da igreja replicavam alegremente, e seu jubilo tangido se repercutia no espaço.

Em cima, no mais alto da montanha, respondia a sinetasinha da ermida, com um toque de alegria. Alli como doce e melancolico é o tangido dos sinos da minha aldeia!

Elles me despertavam pela manhã ao despontar d'aurora, e me adormeciam ao anoitecer.

Era uma madrugada de Agosto, dia da Virgem do Carmo.

A gente da povoação subia pela montanha ao sanctuario da Virgem.

O sol apenas filtrava seus raios por entre os ramos dos arvoredos e a brisa, que se perfumava nos jasmineiros, subia fresca e folgazã.

No fundo deste claro-escuro, via-se a formosa imagem da Virgem, resplandecente de luz, e rodeada de cem ramos de bonitas flores, devotas e poeticas offrendas daquella boa gente.

Eu ia tambem á romaria com minha pobre Luiza, que já se tinha casado.

Havia feito os meus quinze annos e vestia uma jaqueta.

Subimos pelo trilho da montanha: minha irmã e seu marido iam adiante; ouvia-se, repetido pelas cavidades da rocha, o murmurio e algazarra da gente da campina, mais distincto e perceptivel á medida que iam avançando, e o *ora pro nobis* dos que entoavam a ladainha da Santa Virgem.

Meus olhos dirigiram-se para a porta da ermida, apenas chegamos em cima.

Alli estava!

Com seu vestido preto bastante usado e desbotado, os cabellos atados para traz e seus pés descalços, brancos como a cecem; e, me pareceu mais feticcira que nunca.

Era Henriqueta, a formosa mendiga da aldeia, que entoava a ladainha com os olhos chelos de lagrimas: uma pobre orphã que pedia esmola á porta da igreja.

Na aldeia diziam que estava louca, porque não fallava com ninguem, e nem se sabia em que ninho da montanha se recolhia durante a noite aquella pobre rolasinha.

Ah! eu amava a santa menina que cuidava dos enfermos, e pedia esmola assim de repar-tir com os pobres o que lhe davam.

Todas as manhãs ao toque d'alvorada apparecia na porta do templo; eu a via alli quando ia ouvir missa; depois andava pelo povoado, e ao cair da tarde, atravessava a pontesinha de troncos, e sempre trazia consigo um ramo de murta que deixava cahir ao passar junto de mim, e que eu apanhava com avidex para colloca-lo na cabeceira do meu leito.

Depois ajoelhava-se em um dos pincares do rochedo até que tocasse *ave-maria*, e cabiam as primeiras sombras da noite.

De repente desaparecia.

Era pois uma madrugada de Agosto, dia da festa da Virgem do Carmo, quando Henriqueta cantava á porta da ermida.

Tudo desapareceu para mim assim que me achei em sua presença, e me puz a contemplar-la, no entanto que minha irmã ajoelhada, unia sua voz ao canto geral dos fiéis.

Henriqueta era alta e delgada, como essas jovens que começam a sonhar com o primeiro amor; seu rosto oval, extremamente pallido, porém de uma alvura transparente quasi diaphana, que contrastava vivamente com seus grandes olhos negros e rasgados, de olhar languido e melancolico, e cercados de um circulo arroxado, como os de quem ha soffrido e chorado muito. A boca era pequena, de linhas suaves que indicavam a bondade de seu character; a cabeça chela de unção como a de uma dolorosa, descansava em um torneado collo de cysne.

Já disse que andava descalça, e, cousa extraordinaria, a pelle de seus pés era branca e fina como o jaspe, deixado ver as azuladas veias, do mesmo modo que os fios de cõr de um pedaço de marmore.

Tal era a mulher que havia despertado em meu coração de quinze annos um sentimento ainda adormecido.

III

Henriqueta me ama!

Assim dizia eu em uma noite da festa da ermida, depois que o sino da torre tocou a oração da tarde, e quando as sombras do crepusculo começavam a cahir.

Henriqueta me ama!

No momento de passar por diante da minha horta, depois de haver deixado cahir no chão o raminho de murta, como o fazia todas as tardes, surprendia-a olhando a furto a través do arvoredado.

Que faltava pois á minha felicidade?

IV

O cemiterio da aldeia é costeado pela corrente do arroyo que atravessa a minha horta, e se acha a um tiro de espingarda da ultima casa.

E' um campo chelo de cruces, onde brotam alguns malmequeres e nada mais.

Porque fallo eu no cemiterio?

Alguns mezes hão passado depois da festa, o inverno chegara, e o campo está triste e amarellado, como as flores do cemiterio.

Que me importa a mim o tempo e as estações, quando Henriqueta é morta!

Não ha muito que eu passeava pelo trilho da montanha, para ouvir o tanger dos sinos quando replicavam alegres, enchendo o espaço de harmonia.

Agora o seu tangido é mais triste que o de *profundis* que entoam na igreja.

Tambem agora responde a sinetasinha da ermida... Deus meu!

Perdido entre as sinuosidades da montanha, o seu accento parece o melancolico ai de uma alma que pena.

Alli está, na igreja, seu corpo inenlaado ! não tem mais que duas luzes...

Dies iræ, dies illæ...

Mas uma flor vai nascer no cemiterio.

Henriqueta ! Henriqueta !

Tudo vai acabar-se.

Deus homens estão esperando na porta do cemiterio ; a sepultura está cavada...

Adeus para sempre !...

Apenas se ouve o ruído da terra caindo dentro da cova.

V

O marido de minha pobre irmã era um homem estúpido e grosseiro, que não comprehendia o carinho que sua mulher nutria por mim.

Tambem eu era um ente inutil ao domicilio, pois que a educação que me dára Luiza me punha fora de combate, tendente a trabalhos agricolas ; e em uma povoação de tão escassos recursos, que havia eu de fazer se não tinha meios de empregar e utilizar os meus conhecimentos ?

O salario de meu cunhado era muito diminuto, e nossas necessidades cresciam diariamente.

Começou seu plano de ataque com franzir as sobrancelhas, quando nos sentavamos á mesa, e não me dirigia palavra.

Eu trazia o coração partido com a morte da mulher que amava, e tão absorto vivia em meus dolorosos pensamentos, que não prestava attenção ao que se passava.

Rotas as hostilidades da parte de meu cunhado, nada já o podia deter ; e com uma tenacidade sem exemplo, continuou a seguir o plano, do qual esperava os melhores resultados.

Minha irmã, que desde o começo comprehendeu como terminaria aquella luta entre nós dous, se esforçava, porém debalde, por distrahir a seu marido, e faze-lo abandonar o seu proposito.

Pobre irmã minha !

Que podia fazer tanta ternura e fraqueza em quem desprezava uma e aproveitava se da outra ?

Uma tarde de ave-marias, quando voltava de cemiterio, onde orava pelo descanso de Henriqueta, consolando-me com a sua memoria, ouvi vozes em minha casa como se disputassem.

Entrei : minha irmã estava chorando ; e seu marido assim que me viu sahio de casa.

— Que succede, pobre Luiza ? lhe perguntei eu, em quanto ella me beijava a fronte.

— Nada, nada, me respondeu ; porém uma torrente de lagrimas se desprende de seus olhos.

Eu insisti para que me confessasse a causa de sua dor.

— Vamos ao teu quarto, me disse ella ; temos que fallar.

A minha habitação era uma especie d'agua furtada, cuja janella dava para o arrote ; alli tinha eu a minha cama, os meus livros e os ramos de murta que Henriqueta deixava cahir todas as tardes, quando passava.

Acendeu uma vela e subimos.

— Meu pobre irmão ! exclamou ella soluçando e sentando-se na minha cama.

— Mas o que succedeu, Luiza ? Porque choras ?

— Não, eu não consentirei nunca ; eu não me separarei de ti, balbuciava : que dirá nossa mãe que nos vê lá do céu ?

Immediatamente comprehendí de que se tratava, e o meu coração se comprimio.

— Luiza, teu marido quer que eu sala d'aqui : não é verdade ?

— Sim ; porém não sahirás, irmão meu,

não me abandonarás. Quererá de ti?... Deus misericordioso !

— Pobre Luiza, disse eu, beijando com respeito filial uma de suas mãos, quantos desgostos te hei dado desde que nascei ?

E a infeliz chorava com angustia inexprimível.

— Socega, prosegui, eu partirei ; teu marido o quer, e é muito justo... eu aqui sou apenas um estorvo com a minha inutilidade.

— Porém, onde vás tu, infeliz ?

— Não sei ; Deus me guiará... eu nelle espero e confio...

Luiza retorcia os braços com desesperação.

Houve um momento de silencio : Luiza já não chorava, e me contemplava com olhar extraviado.

Do lado de fóra o vento assobiava com força, rasgando-se nos pincares dos rochedos, e abalando as madeiras da janella. De quando em quando soava o sino da igreja, que produzia um som funebre e doloroso, muito em harmonia com a tristeza de nossa situação.

Ergui-me depois de haver adoptado o meu partido, e comecei a fazer os meus preparativos de viagem.

Luiza quiz logo deter-me ; porém não teve forças, e cahio ajoelhada diante de uma imagem da Virgem, que havia no meu quarto.

No andar terreo ouvia-se o ruído dos passos de seu marido.

Que noite aquella !

Ainda não sabia o que era abandonar a pobre cabana em que nascemos ; onde havemos experimentado tantas dores e tantas alegrias ; onde morreu nosso pai... onde perdemos nossa mãe!

Deus meu ! Deus meu !

A casa, o lar domestico, é a metade de nossa alma ; cada canto tem uma recordação, uma tradição, a vida inteira de uma familia !

Infeliz daquelle que abandona o albergue em que nasceu, ainda mesmo quando nelle tenha sido desgraçado, sem sentir o coração partir-se e mandar a seus olhos lagrimas que abrazam.

Infeliz daquelle que depois de largos annos de ausencia, entra na casa paterna, sem descobrir a cabeça e murmurar uma oração !

Mil recordações vieram em tropel assaltar a minha imaginação naquelle momento ; recordações tristes e alegres... de illusões e desenganos...

Em primeiro lugar as lembranças de minha infancia, com tudo o que encerram de mysterioso e agradável para o homem, quando era menino, quando seu pensamento estava virgem de toda a culpa.

O beijo de nossa mãe, a nossa primeira communhão, e a benção de nosso pai moribundo...

As festas da aldeia, o dia de Natal, radiante de sol e de felicidade, a corôa de saudades do dia de finados, o Espirito Santo, o Anthonom, o S. João... Todas essas alegrias domesticas, presididas por um pai ou uma mãe, entre os irmãos e o mendigo que se senta á porta, em quanto o cão nos lambe as mãos ou folga com os nossos sapatos. Todas estas idéas ferviam em minha imaginação sem ordem nem successão, ao pensar em minha inesperada viagem, no entanto que minha irmã ajoelhada rezava em alta voz a poetica oração da tarde, e o vento assobiava pela janella.

— Luiza, disse eu com voz moribunda, quando os meus preparativos estavam terminados, vou partir, mas não sei para onde ; porém vou reparar-me de ti, talvez para sempre... Não chores ; que Deus é bom e me não abandonará se tu lhe pedires por mim, pois Deus

proteje os que n'elle confiam. Luiza, quero pedir-te um favor : tu foste para mim mais do que irmã, — uma verdadeira mãe carinhosa ; por tanto desejava que me desses uma fita, um lenço, qualquer cousa que te haja pertencido, com a tua santa benção.

Depois que recebi o que pedira, ajoelhei-me a seus pés, e disse-lhe : assim que sinta sobre a minha fronte o beijo da despedida e as lagrimas que derramam teus olhos, partirei mais tranquillo, se não mais consolado.

Luiza não fallava ; nada mais fazia que chorar e beijar-me. Levantou os olhos para o céu, e diante da sagrada imagem de Maria me deitou a sua benção.

Estava amanhecendo ; a manhã era fria e nublada.

Na ultima volta que forma o trilho da montanha diante da minha casinha, que parecia ao longe uma pombinha dormindo no ramal, estava eu ainda chorando e contemplando-a.

De repente sinto ruído atraz de mim, volto a cabeça, e...

Grande Deus !

Henriqueta se apresentou a meus olhos com um sorriso de romeiro, e os pés descalços...

Adeus, me disse, e desapareceu.

(Continua.)

JOSÉ DE VASCONCELLOS.

O Monge de Olinda.

(romance original)

Em uma linda manhã de Agosto de 1881, passeavamos na cidade de Olinda com alguns estudantes do curso juridico.

— Queréis ver o monge ? nos diz um dos amigos.

— Que monge ?

— O que vive nas ruínas do convento dos carmelitas.

— E que tem isso de singular ? E' algum donato que guarda essas ruínas.

— Não é um leigo ; mas sim um homem de familia mul distincta ; e que talvez grande desgosto o decidio a fugir á sociedade e isolar-se n'aquella horrivel habitação.

O que apenas se sabe é que não occulta lhe ministra o sustento, o mais é perdido no cahos de mysterio.

— Então queremos conhecer esse homem, que prefere o silencio dos tumulos ao ruído das praças, não sabendo resistir aos baldões dos acontecimentos.

Do convento dos carmelitas podia bem dizer-se sem errar o que se diz hoje dos baluartes de Ninive, dos palacios de Persepolis, e dos templos de Balbek.

As ervas silvestres crescidas enormemente, encobriam parte do templo, apenas apresentando um trilho estreito que conduzia á porta do claustro onde habitava o monge.

Não se pode com facilidade descrever o que confusamente se desdobrou de subito na nossa imaginação ao entrarmos n'aquelle par-dieiro, e ao vermos o monge que nos veio receber.

Apezar d'um insolito pavor, produzido por aquelle aspecto lugubre, e cheiro austero e sepulchral, havia um não sei que de irresistivel impulso, que nos attrahia áquelle medonho lugar.

O cenobita, conhecido em Pernambuco pelo *Monge de Olinda*, representava ter sessenta annos, alto, descarnado e macilento, os ca-

LIBERDADES DE BANCOS DEBAIXO DE UM REGULAMENTO GERAL. Pode ser licito a todo o mundo estabelecer bancos de emissão de baixo de certas regras previamente determinadas por lei. Mas a difficuldade está em conceber o legislador um systema de regras, que sejam uteis e efficazes em toda o caso; e como isso é mui difficil, ou antes impossivel, serão as cautelas do legislador muitas vezes causa de não prestarem os bancos ao publico todo o serviço de que são capazes.

LIBERDADE ABSOLUTA DOS BANCOS. Pode ser livre a criação dos bancos, e a emissão das notas que aprouver ao publico accellar, ficando os emissores sujeitos unicamente ao direito commum. Este systema, contra o qual existe uma prevenção geral, apoiada em authoridades respeitaveis, foi admittido na Escoccia desde 1716 até 1844, e os seus resultados foram os melhores.

Que a liberdade bancaria offerece ao publico maior segurança do que o *monopolio* dos bancos, não é difficil prova-lo. Havendo muitos bancos, a emissão reparte-se por elles, porque é sabido que nenhum paiz admitta maior somma em papel do que admittiria em moeda para as suas transações; o que vale o mesmo que dizer que a emissão do papel do banco não é arbitraria. Ora, se os bancos forem muitos, o capital de cada um o mesmo, e a emissão repartida por todos, é claro que maior será o capital de cada banco relativamente á somma da emissão, e maior a segurança que esse capital offerece aos portadores das notas. Se um banco com um capital, por exemplo, de cem pode emittir mil, dez bancos, cada um com o mesmo capital, não emittirão mais de mil. Mas n'este caso a garantia do publico será mil, somma do capital dos dez bancos, igual á emissão. E' certo que, multiplicados os bancos, não é mister que os accionistas realizem a importancia de todas as suas acções; mas isso não diminue a a garantia que o capital social offerece, quando o publico sabe que os accionistas estão no caso de realizar suas entradas, se for preciso.

Comquanto os authors, que tratam da materia, estejam discordes na questão da liberdade dos bancos, não duvido conformar-me com a opinião do Sr. Garnier que pensa, que a liberdade plena e inteira está no futuro d'estes estabelecimentos, que então acharão naturalmente a estabilidade, que de balde se lhes tem querido dar com regulamentos administrativos. Como em seu começo as cousas humanas nunca são perfectas e só com o tempo se aperfeiçoam, entendo que a essa lei geral não podem escapar as instituições bancarias. Suppoz-se que o privilegio, acompanhado de restricções, era remédio contra abusos e uma segurança para o publico; mas esse remédio tem sido inefficaz, porque com esse systema grandes abusos se tem dado e grandes males appareceram. Este systema pois já está sufficientemente conhecido e explorado e a experiencia adquirida levará as nações ao systema da liberdade bancaria. A escolher entre a privação dos bancos de emissão e o monopolio, este é certamente preferivel, mas não pode ser o typo permanente d'essas instituições; e quando convenha começar por aquelle, será absurdo conserva-lo depois que a sociedade se achar em circumstancias de poder gosar da liberdade bancaria.

(Continua.)

DE AUBRAN.

Henriqueta.

CONTO PHANTASTICO.

(Imitado do hespanhol.)

VI

Eu viria na Côrte em uma habitação tão estreita e mesquinha como os meus recursos.

Nunca estivera em lugar tão populoso, nem que me offerecesse tantos attractivos; porém ainda conservava o coração dilacerado com a despedida da minha Luiza, e com a subita apparição de Henriqueta, que eu attribua á minha ardente imaginação.

Quando a nossa alma está triste, os objectos exteriores nada significam para ella.

Que fui eu fazer á Côrte sem relações e sem dinheiro?

Esta pergunta, que a mim mesmo dirigia todas as manhãs ao levantar-me, era o martyrio do meu espirito, e me perseguia continuamente com a minha propria sombra. Sem embargo, confiava em que Deus me inspiraria algum pensamento de salvação.

Havia travado amizade com um manco chamado Julio, que escrevia em casa de um tabelião, sustentando com seu escasso ordenado sua mãe e sua irmã; era um moço honesto: sympathisamos um com o outro.

Um dia levou-me a sua casa; morava n'um quarto andar da rua dos Ciganos.

Era quasi noite, e a luz da sala era muito diminuta: haviam nella tres pessoas: a mãe de Julio, sua irmã e uma rapariga da vizinhança que era noiva de Julio; porém eu não podia distinguir as feições de nenhuma das tres, ainda que estivesse muito proximo da ultima. Julio era loquaz em extremo, e não dava tempo de fallar a ninguém.

Eu tinha grande desejo de tomar parte na conversa; sentia uma coisa inexplicavel, uma curiosidade de ver o rosto da noiva de Julio, que permanecia silenciosa desde que eu entrara na sala.

A mãe e a irmã do meu amigo riam a não poder mais, e a minha curiosidade crescia a todos os momentos.

De repente o aposento illuminou-se; encarei a joven que estava sentada á minha direita, e dei um grito.

A semelhança com Henriqueta não podia ser mais completa.

Ella tambem encarou-me, e se tornou horriavelmente pallida.

— Que tens, meu amigo, me perguntou Julio; estás incommodado?

— Não, não é nada, respondi eu machinalmente, sem atrever-me a levantar os olhos.

— Será isto illusão dos meus sentidos, dizia comigo mesmo; Henriqueta morreu, e eu vi cabir a terra sobre o seu corpo inanimado.

Tranquillizado com esta idéa, atrevi-me a olhar de novo.

Desta vez não gritei, nem fiz o menor movimento; porém o sangue se me gelou de terror.

Era ella, tal como a tinha visto na ermida da minha aldeia, no dia da Virgem do Carmo.

Sem embargo, não continuei a dar por mais tempo o caracter de sobrenatural a semelhante apparição. Admirava-me da semelhança e nada mais...

Porém ouvi a sua voz, e tremi...

A mesma doçura no accento, as mesmas inflexões, e a mesma amabilidade...

Aquelle portentoso phenomeno começava a fazer-me enlouquecer.

O que mais attrahia minha a attenção era a timidez com que me olhava, e o rubor de seu

semblante quando os meus olhos encontravam os seus, e a balbuciante voz com que respondia quando era interrogada.

Já não podia estar alli mais tempo; necessitava respirar ar livre, porque me sentia suffocado...

Tomel o chapéo e sabi para a rua; creio que nem mesmo me despedi.

Meu coração batia com violencia, e meu corpo escaudava de febre.

Não havia duvida; eu era victima de uma terrivel fascinação.

Aquella noite o meu somno foi agitado por mil phantasticas visões.

VII

Passaram-se tres mezes; não tornei a ver a Julio desde aquella noite, e, não obstante elle procurou-me com assiduidade, busquei sempre evita-lo.

Minha imaginação estava mais tranquilla sobre as idéas que a lembrança de Henriqueta me fizeram conceber; porém o meu estado era o mais miseravel possível: haviam vinte e quatro horas que não tomava alimento algum, e vagava pelas ruas com passo vacillante, semelhante a uma sombra que se desliza pela parede.

Já não chorava; vivia machinalmente.

A manhã estava fria como o meu coração; e uma neblina pardacenta cahia sobre a cidade, dando um aspecto phantastico a todos os objectos.

De repente agarram-me pelo braço, e ouço a voz de Julio, franea e juvenil como sempre.

— Estimo muito encontrar-te, vadio. Onde estiveste mettido tanto tempo, que não pude ver-te mais?

Escusel-me como pude.

— Vem comigo, prosegue; hoje não me abandonas mais, ou melhor, não te deixo eu: jantaráis connosco em minha casa, e minha mãe e minha irmã terão muito prazer de verte. Acabo de casar-me.

— Te casaste? lhe perguntei eu.

— Homem, que ar espantado com que estás!

— Mas... com quem te casaste?

— Com Henriqueta; tu já a conheces.

— Com Henriqueta? repeti eu, empallidecendo: tu estás doudo.

— E esta! não conhecerei eu minha mulher? prosegue Julio, rindo-se do meu espanto.

Um tremor convulsivo agitou todo o meu corpo: apolei-me no braço do meu amigo e caminhamos.

Em pouco tempo chegamos ao umbrai da sua casa, mas eu arquejando de fadiga, e com uma anciedade inexplicavel.

A porta abriu-se, penetrei na sala e cabi desfallecido sobre uma cadeira.

Henriqueta estava alli com seu traje de noiva, mais encantadora do que nunca o estive mulher alguma.

Tambem ella tremia como eu: esta affandade de emoções me tornava louco.

Julio sahio, não sei para ver o que, e, como tinha intimidade comigo, me deixou só; sua mãe e irmã estavam occupadas no interior da casa, de sorte que eu podia fallar com aquella mulher sem testemunhas.

— Es tu, Henriqueta! exclamei eu sem poder conter-me, encarando-a de frente e firmemente.

Um gesto affirmativo de sua cabeça foi a unica resposta.

— Mas tu me conheces? sabes quem eu sou?... ah! não me enganes pelo amor de Deus!

Henriqueta, sem responder a nenhuma de minhas perguntas, ou para melhor dizer, respondendo a todas ellas, tirou da alibeira um raminho de murta e o chegou a meus labios. Já não podia duvidar.

Peguei em sua mão fria como a neve, beijei-a, e me assentei a seu lado; depois, rindo como um insensato, abracei-a pela cintura, dei-lhe um beijo sobre a fronte.

Ella immovel, como uma estatua, olhava-me com amor e ternura.

De repente um pensamento horrivel se apodera de mim, eu repelli-a para longe.

Aquella mulher pertencia a outro.

— Ah! tu me enganaste, manespresando o meu amor por outras caricias. Nada não ha muito que pronunciaste um juramento que me separa para sempre... vai-te.

Henriqueta enxugou uma lagrima, e ajoelhou-se a meus pés.

— Faz um anno que morri, murmurou debilmente, e só a ti pertenceo.

Aquella mulher tinha morrido e fallava... e seu coração batia agitado... e seus labios ardiam em brassa, pousando sobre a minha mão...

— Porém, se não pertences a Joffe, se o não amas, porque te encontro eu aqui, e como se vestido de noiva te ataviam o delicado porte?

— A ninguém amo senão a ti, me respondeu ella, e estou sempre onde tu estás... Para que deixaste a tua casinha branca da aldeia?

— Henriqueta, por favor, diz-me se estou sonhando, se sou victima de uma illusão... oh! isto é impossível!

— Queres seguir-me e ser meu para sempre? me perguntou ella, rodeando-me o pescoço com o torreado braço.

A minha resposta foi dirigindo-me para a porta... estava louco.

Henriqueta começou a despojar-se de suas galas, e n'um momento appareceu a meus olhos com o seu antigo vestido negro e os seus cabellos atados para tras.

— Vamp-nos, disse ella, desalisando-se pelo pescoço.

Seguia-a machinalmente, temendo encontrar a Julio no caminho.

Sahimos para a rua.

Eu rezava em alta voz para livrar-me daquelle espirito; mas ella seguia-me na minha precipitada fuga.

Tive medo, e cabi de joelhos, invocando o nome da Virgem do Carmo.

Na manhã seguinte o meu cadaver foi encontrado sobre as frias pedras da rua.

VIII

Em uma madrugada de Agosto caminhava eu pelo trilho da montanha, que conduz á minha casinha branca da aldeia.

Os sinos da igreja repiavam alegremente, e lá em cima, no intrincado dos rochedos, a sinetainha da ermida respondia com um canto de alegria.

Era a festa da Virgem do Carmo.

Todos os habitantes da aldeia iam em romaria até o sanctuario; porém passavam junto a mim sem me cumprimentarem, e não obstante eu saudar cortesmente os meus antigos conhecidos, ninguém me respondia.

— O que é isto? dizia eu comigo. Estou tão desfigurado que ninguém me reconheça?

Então comecei a gritar: Eu sou Anselmo, boa gente; assim como que volta contentissimo para ver a sua aldeia...

Porém elles passavam sem fazer caso nem da minha voz, nem da minha pessoa; o que começava a incomodar-me.

— Por Deus santo, que isto é extraordinario! exclamei eu, detendo pelo braço um velho vizinho; também tu não me conheces.

Porém o homem parou sem perceber nada.

Então corri como um louco por um atalho transversal que ia dar á margem do arroio, com o fim de mirar-me na sua limpida corrente, e conhecer por esse modo a mudança que o tempo havia feito em minhas feições.

Debrucei-me... e nada vi!

Approximei o meu rosto quanto pude da corrente, e... nada appareceu no fundo da agua.

— O que é isto, Deus meu! exclamei assustado. Fazemos outra prova; e voltei as costas para o sol que brilhava com todo o seu esplendor; porém a mais leve sombra não se produziu na terra.

Cherei, gritei... e os meus quvidos nada ouviram.

Mais ligeiro que o vento segui a margem do arroio em direitura a minha casa, que apparecia por entre a ramagem.

Passel a ponte, atravessel o cercado; a porta da habitação estava aberta, e eu penetrel por ella.

Grande Deus!

No meio da sala havia um homem sentado fazendo um ramalhete de flores silvestres; uma mulher joven e bonita, porém excessivamente pallida, o estava ajudando; no fundo da sala, sobre a porta que conduzia ao andar superior, uma modesta lampada de vidro ardia ante uma formosa imagem da Conceição.

Assim que acabaram o seu ramalhete, ambos sahiram da casa e atravessaram a ponte com direcção á ermida.

Eu estava attonito; entrel na habitação e sentel-me.

A manhã passou-se, e a tarde chegou.

Os cantares alegres da gente que voltava da ermida, repetidos pelo echo, baixavam da montanha, de rocha em rocha, chegando a meus quvidos cada vez mais claros e distinctos.

Eu chorava.

De repente abriu-se a porta, e appareceu no seu limiar o par amoroso, que sahira pela manhã.

Celaram tranquillamente, resaram as suas orações, e depois se recolheram para descansar; tudo isto sem reparar em mim, que havia estado á sua mesa e me achava á cabeceira do seu leito.

Que mysterio!

Aquelle homem era...

Era eu proprio, e a mulher Henriqueta.

Toda aquella noite velei, vendo-os dormir um somno pacifico e tranquillo; porém cansado já de ver que se prolongava tão raro phenomeno, quiz fazer um esforço para chamar-lhes a attenção, e entrel a gritar.

Nem mesmo eu me ouvia.

A mulher sorriu, beijando a seu marido...

Depois a lampada da Virgem se agitou um momento, e apagou-se.

JOSÉ DE VASCONCELLOS.

o Monge de Olinda.

(romance original)

II

Voltamos ao Recife; todo aquelle dia foi para nós cheio de impressões.

Pela madrugada abrimos a janella; a lua escondendo-se por entre as nuvens denegridas, denotava proxima chuva; pouco depois

rolavam espessas, umas sobre outras fechando o horizonte á luz do dia, impellidas com rapidez pelo vento sul bem depressa cahio um formidavel aguaceiro: não nos intimidou.

Davam oito horas, quando chegavamos ao convento.

O monge passeava no claustro; saudamo-lo, e dissemos-lhe:

— Apesar da tempestade não faltamos.

— A vossa coragem é sustentada pela curiosidade, respondeu-nos sorrindo.

Havia no fim do claustro um resto de telhado, que nos podia abrigar da chuva, para alli nos dirigimos, e assentamos em uma pia que por sem duvida teria servido para baptismo de muito christão.

— Com effeito vindes resolvido a ouvir a triste narração dos males que opprimem meu amargurado coração?

— Sim, senhor, nós a esperamos ancioso, já vos dissemos que sympathisamos com vosco, por tanto essa narração nos dá direito a tomar parte muy activa na vossa dor.

— Pois bem; nos diz elle tristemente. — Vós vêdes que prefiro este solitario lugar á frivola gloria que podia ter perante o mundo.

Sujeito minha existencia a mais severa austeridade, porque este mesmo rigor está em harmonia com a desolação da minha alma.

O vento glacial e funebre que ao entrar da noite sibilla por este claustro, parecendo acarretar os ultimos sons da agonia dos moribundos, vigoram a reclusão da minha existencia.

Dizia Diogenes que o unico meio de conservar a liberdade é estar sempre prompto para morrer sem pezar; eu acompaño o grande sabio em sua opinião, porque aguardo a morte com fervor; este coração dilacerado pela dor voará a unir-se com o anjo de meus sonhos.

Nasci na cidade do Recife, e minha familia ainda alli existe. Segui a nobre carreira das armas, indo estudar a de engenheiro no Collegio dos Nobres em Lisboa.

Vim d'alli segundo tenente, e logo me encarregaram de diferentes trabalhos que mereceram a approvação do governo e me deram aura popular.

A inveja que para logo se apoderou dos meus collegas, fez com que deprimissem as minhas obras, dando-lhes as honras de plagato!

N'aquelle tempo ainda não havia recebido da experiencia as lições do desprezo do mundo; a ambição de gloria era o meu porte.

Esta atroz calumnia me causou a maior desesperação, não reflecti que a ignorancia é sempre injusta; procurei indagar d'onde partia o tiro.

O proverbio: que o teu inimigo é o official do teu officio, verificou-se.

Soube, que, um capitão de engenheiros era o meu contendor; immediatamente lhe dirigi um cartel de desafio.

Tal era a minha raiva, e a consciencia de justiça, que não pensei nas consequencias do passo que dava, nem na morte a que me ia expôr.

Nenhuma disposição fiz, não participei a ninguém, e nem testemunha procurei.

Do alvorecer do dia seguinte achava-me n'um lugar retirado dos Afogados.

Demorei-me uma hora sem que o meu adversario apparecesse; já eu me perdia em conjecturas, e fazia o firme proposito de esbofetea-lo onde quer que o encontrasse, quando avistei ao longe dous vultos; á proporção que se aproximavam, reconheci o meu inimigo com a sua testemunha.

As armas eram as nossas espadas: coragem e pericia não nos faltava.